O AVANÇO DO CAPITALISMO NA AGRICULTURA E A RECRIAÇÃO DO CAMPESINATO

Eliane Silva dos Santos ¹, Munir Jorge Felício ²

¹ Docente de Graduação na Área de Administração de Empresas e aluna do MMADRE -Mestrado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional – UNOESTE – Presidente Prudente– SP. ² Docente do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional – UNOESTE – Presidente Prudente - SP.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir como o avanço do capitalismo na agricultura vem se desenvolvendo, analisar as transformações impulsionadas por este avanço e a recriação do campesinato. Para ampliar a discussão dos temas e fomentar os debates acadêmicos utilizou-se revisão bibliográfica a partir de análises de pesquisadores de diversas áreas. Contribuindo para elencar as formas de resistência camponesa aos processos de expropriação, expulsão e exclusão social.

Palavras-chave: Avanço do capitalismo, recriação do campesinato.

INTRODUÇÃO

Pretende-se com este artigo elencar as discussões de como o avanço do capitalismo vem se desenvolvendo na agricultura, analisar as transformações impulsionadas por este avanço e a recriação do campesinato. Para o entendimento faz-se necessário a análise bibliográfica de autores que abordaram as temáticas acima citadas.

É importante destacar que para esta discussão foram analisadas obras de clássicos como Kautsky (1986), para tentar compreender como se desenvolveu o avanço do capitalismo na agricultura, evidenciando as especificidade do setor. Reflete como o processo de Industrialização ocorreu na agricultura e destaca o desenvolvendo novas tecnologias para o setor.

Nas contribuições de Mazoyer e Roudart (1998), os autores apontam a existência nos dias atuais de resquícios feudais nas formas camponesas.

Com os apontamentos de Oliveira (2007) é possível refletir sobre a transição do feudalismo ao capitalismo e suas consequências na transformação social e na exclusão social.

As discussões sobre a degradação dos camponeses decorrentes do avanço do capitalismo estabelecidas pelos autores Engels (1981) e Ferreira e Mesquita (2009).

O AVANÇO DO CAPITALISMO NA AGRICULTURA E A RECRIAÇÃO DO CAMPESINATO

A questão agrária tem ocupado a mente dos pesquisadores quando se quer compreender de que forma aconteceu e, ainda vem se desenvolvendo o avanço do capitalismo na agricultura. Muitos pesquisadores já fizeram suas trajetórias científicas oferecendo contribuições,

nas mais diversas áreas do conhecimento, por intermédio das quais, procuram debater suas compreensões. Entre essas análises encontram-se as seminais desenvolvidas por Kautsky (1986) pela importância de suas abordagens e discussões. Segundo Kautsky (1986) é equivocado compreender o desenvolvimento do modo de produção capitalista analisando apenas a luta de classes. Além dos proprietários dos meios de produção e dos proprietários da força de trabalho, há

[...] muitas outras – entre as quais figuram tanto os expoentes como a faixa sedimentar da sociedade; de um lado os monarcas e respectivos cortesãos, de outro os diferentes tipos de lumpemproletariado -, classes que, em parte, constituem produtos de formas pré-capitalistas da sociedade, [...] (KAUTSKY, 1986, p. 13).

Para compreender o avanço do capitalismo na agricultura, Kautsky (1986) explica que esse desenvolvimento ocorreu obedecendo às leis próprias da agricultura e não as leis que comandam o desenvolvimento do capital na indústria. Diante dessas constatações acima descritas, Kautsky (1986) lança um verdadeiro desafio. O desafio empreendido por Kautsky (1986)

Examinar todas as transformações que sofre a agricultura nas várias fases do modo de produção capitalista. Devemos verificar se o capital se apodera da agricultura, como o faz, se a revoluciona, se torna insustentável as velhas formas de produção e propriedade e se acarreta ou não a necessidade de novas formas (KAUTSKY, 1986, p. 15).

Ainda persiste a necessidade de prosseguir as análises que se iniciaram com Kautsky (1986) principalmente no que se refere às transformações impulsionadas na agricultura mediante o avanço do capital. Em outras palavras, de que maneira o desenvolvimento industrial consegue modificar o caráter da produção agrícola? Lembrando que a forma camponesa de fazer agricultura é a mais antiga e a mais tradicional como demonstraram Mazoyer e Roudart (1998) permanecendo seus resquícios ainda nos dias atuais como a parceria, por exemplo.

Ao descrever o jeito camponês de fazer agricultura Kautsky (1986, p.17) demonstra com riqueza de detalhes “a família camponesa medieval”. Além de possuir a terra, todo contingente familiar trabalhava, em conjunto, desenvolvendo uma produção tipicamente de subsistência e quase não vendia seus produtos no mercado. Para manter a vida familiar ela desenvolveu tecnologia com a qual produzia tudo o que necessitava desde vestimentas até móveis e ferramentas.

O advento da indústria modifica, gradual e profundamente, o caráter da produção agrícola e de suas relações sociais. A indústria doméstica camponesa não consegue acompanhar as inovações tecnológicas advindas da revolução industrial, pois,

O desenvolvimento da indústria e do comércio, no entanto, geraram a demanda de novos produtos na cidade, demanda que a indústria agrícola era incapaz de satisfazer; esses produtos, a exemplo das ferramentas novas e mais perfeitas, também começaram a invadir o campo em ritmo crescente, na medida em que crescia o intercâmbio entre a cidade e o campo (KAUTSKY, 1986, p. 18).

E, mais,

É somente com o advento da indústria capitalista que se revela a regressão da indústria agrícola caseira de subsistência. Somente o sistema de comunicações, com suas ferrovias, correios e jornais, vai ser capaz de levar as novas ideias e produtos da cidade para os rincões mais afastados da zona rural, e colocar sob o domínio desse processo tanto as cercanias da cidade quanto a população toda do campo (KAUTSKY, 1986, p. 19).

A revolução industrial que impulsionou o desenvolvimento de novas tecnologias atinge a produção de carnes e grãos transformando o modo camponês de fazer agricultura e alterando de maneira radical as relações sociais da família e da aldeia camponesa. Paulatinamente a produção de subsistência vai sendo substituída pela produção mercantil visando atender as demandas urbanas cada vez mais intensas e exigentes. No modo de produção capitalista a terra do camponês já não é mais suficiente, pois, para ele, a produção de subsistência é adequada e fornecedora dos recursos necessários. Esse pequeno estabelecimento dará lugar ao grande estabelecimento agrícola no qual serão produzidas as matérias-primas para abastecer a indústria, bem como, os alimentos - carne e grãos - para a população trabalhadora urbana. O processo de substituição da produção de subsistência para a produção mercantil, apesar de ter seu início na Idade Média, fora impulsionado pelo modo de produção capitalista, como explica Kautsky,

Esse processo ainda não chegou ao fim; ele prossegue e atinge progressivamente outras regiões e áreas cada vez mais extensas da produção agrária de subsistência, as quais converte em regiões da produção mercantil. Ele amplia de várias formas a demanda de dinheiro entre os camponeses, substituindo o trabalho familiar pelo assalariado. Dessa maneira, o modo de produção capitalista, desenvolvido nas cidades, já é capaz de revolucionar completamente as bases existenciais do agricultor (tomado em sentido antigo) sem que se torne necessário o capital entrar diretamente na produção agrária, ou seja, antes mesmo de se formar qualquer oposição entre o grande e o pequeno estabelecimento agrícola. Contudo, a ação do capital não se restringe apenas a indústria.

Uma vez fortalecido o suficiente, irá apoderar-se da agricultura (KAUTSKY, 1986, p. 15).

Para compreender como se deu a evolução do processo de substituição da produção de subsistência para a produção capitalista é importante recorrer às análises desenvolvidas por Oliveira (2007). Elas também contribuirão para a compreensão das diversas implicações na agricultura após essa substituição, bem como entender de que maneira a agricultura de subsistência e a agricultura mercantil se desenvolve a partir dessa transformação.

Para explicar a transição do feudalismo ao capitalismo Oliveira (2007) demonstra que “à medida que as terras escasseavam, surgia a tendência ao monopólio do mais considerável dos meios de produção, a terra” (OLIVEIRA, 2007, p. 16). Nessa luta pela terra os camponeses foram facilmente derrotados, pois, ao lado dos nobres feudais, encontravam-se as estruturas do Estado moderno contribuindo com a vitória desses. Os camponeses perderam a posse da terra por intermédio dessa luta e também por causa da implantação do processo denominado “cercamento”, como descreve Oliveira (2007):

Em determinados países esse processo foi violento e rápido; em outros foi mais lento. Na Inglaterra, durante os séculos XVI e XVII, os *cercamentos* praticamente varreram os camponeses dos campos de cultivo, e em seu lugar surgiram os *arrendatários capitalistas*. Na França só com a Revolução de 1789 aboliram-se os últimos direitos feudais, e assim a comunidade aldeã deu lugar a propriedade camponesa familiar (OLIVEIRA, 2007, p. 18-19. Itálicos no original).

Com o avanço do capitalismo na agricultura os camponeses perderam o domínio do seu principal meio de produção, a terra, seja pela guerra contra as estruturas feudais como também pelos cercamentos. Perderam também outro meio de produção pela desagregação da pequena indústria doméstica camponesa frente ao desenvolvimento da indústria urbana

[...] que antes só produzia para a cidade e os subúrbios, passou fabricar ferramentas que o camponês não conseguia produzir, da mesma maneira que passou a criar novas necessidades que penetravam no meio agrícola de maneira tanto mais rápida e irresistível, quanto mais ativas se tornavam as relações entre a cidade e o campo (OLIVEIRA, 2007, p. 17).

Com o avanço do capitalismo na agricultura os arrendatários capitalistas almejavam não a produção de subsistência, mas o desenvolvimento da produção mercantil, oferecendo principalmente, às cidades os alimentos que ela não conseguia produzir, como também a necessária produção de matéria-prima em larga escala para abastecer a indústria, como a lã, por

exemplo. Tanto os alimentos quanto uma gama enorme de matéria-prima são consideradas mercadorias e são próprias do desenvolvimento capitalista por serem elas as responsáveis pelo processo de circulação e distribuição, como explica Oliveira:

[...] a primeira etapa do desenvolvimento do capitalismo não foi necessariamente uma etapa em que predominaram as relações especificamente capitalistas de produção, mas sim uma etapa principalmente de produção de mercadorias. Com a mercadoria, o capitalismo ganha dimensão mundial, ou seja, dissemina-se por lugares diferentes, momentos distintos (mas articulados) de um processo único: o processo contraditório de sua expansão.

Desse modo, a formação econômica-social capitalista é fruto desse processo único. É fruto dos seguintes momentos diferentes, contraditórios mais articulados: em uma ou mais fração do território capitalista tem-se a forma especificamente capitalista de produção (produção da mercadoria e produção da mais-valia), em outros, ora a circulação da mercadoria esta subordinada à produção, ora a produção está subordinada à circulação. Esse é o princípio teórico que permite entender o desenvolvimento do capitalismo e particularmente agricultura (OLIVEIRA, 2007, p. 20-21).

As análises de Kautsky (1986) e Oliveira (2007) são imprescindíveis para ampliar a compreensão do avanço do capitalismo na agricultura e a recriação do campesinato. A elas se juntam as análises construídas por Ferreira e Mesquita (2009) as quais almejam entender o sentido do desenvolvimento da agricultura sob o capitalismo constituindo um debate teórico-conceitual. O debate se desdobra visando refletir sobre o futuro do campesinato, sobre o capitalismo na agricultura brasileira como uma das alternativas para estudar as origens da oposição agricultura camponesa e agricultura familiar.

As análises construídas por Ferreira e Mesquita (2009) sobre o futuro do campesinato avançam com as discussões empreendidas por Kautsky (1986) e por Oliveira (2007) quando questionam sobre o futuro do campesinato. Ou seja, se ele está na integração ao mercado ou na luta contra o capital? Assim elas avançam o debate:

A agricultura camponesa baseada nas relações não capitalistas de produção tende a se proletarizar como os trabalhadores das fábricas das áreas urbanas? Era este o debate na Europa em meados do século XIX, quando o capitalismo adentra o campo verosamente(sic) transformando os camponeses em famintos, na concepção de Kautsky (1986) (FERREIRA E MESQUITA, 2009, p. 17).

A degradação dos camponeses como forma de exclusão social causada pela expansão do modo capitalista de produção, que avança sobre a agricultura, extinguirá plenamente

a pequena produção agrícola como entendia Engels (1981) e é destacado por Ferreira e Mesquita (2009):

Os autores aqui estudados possuem opiniões divergentes sobre o destino da pequena propriedade a da família camponesa. Engels (1981, p. 52), no trabalho que trata do problema camponês na França e na Alemanha afirma que *“O desenvolvimento da forma capitalista de produção rompeu o nervo vital da pequena exploração na agricultura; a pequena exploração agrícola está decaindo e marcha irremediavelmente para a ruína”*. Este autor defendia a proletarianização dos camponeses e assim, estes unidos ao proletariado urbano, fortaleceriam a luta de classes defendida pelo partido da Social-Democracia (FERREIRA e MESQUITA, 2009, p. 18).

O debate sobre a questão agrária teve inúmeros desdobramentos. Havia análises que sinalizavam o desaparecimento do campesinato frente às inovações tecnológicas advindas do desenvolvimento do capitalismo. Havia também outras análises que sinalizavam a recriação do campesinato como forma de resistência à submissão implacável das forças econômicas capitalistas. Entre essas análises encontram-se aquelas desenvolvidas por Chayanov (1981) e que foram destacadas por Ferreira e Mesquita (2009):

Com outra leitura da realidade do cenário da agricultura na Europa dos séculos XVIII e XIX, Chayanov (1981) se dedica a desenvolver estudos sobre os sistemas não capitalistas de produção. Para ele é preciso ir além das teorias que consideram apenas as categorias presentes no sistema capitalista. O campesinato representa, segundo o autor, a maior forma de produção agrária (sic) baseada não em uma forma capitalista, mas numa forma diferente, de unidade familiar não assalariada, ao contrário do que escreve Kautsky (1986) quando este afirma que *“com o modo de produção capitalista qualquer produção agrícola é, em “regra geral”, uma produção capitalista.”* (sic) (FERREIRA e MESQUITA, 2009, p. 18).

E, mais, “dessa maneira, o campesinato seria uma forma não-capitalista de produção, baseado em outra lógica na qual se trabalha não para acumular riquezas, mas sim para atender às necessidades básicas da família” (FERREIRA e MESQUITA, 2009, p. 19). O jeito camponês de fazer agricultura se baseia na forma de trabalho familiar o que garante à família camponesa sua independência frente ao mecanismo de extração de mais-valia que é próprio do trabalho assalariado a única forma de relação social imposta pelo modelo de desenvolvimento capitalista no campo e na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras através dos autores que evidenciam sobre a temática do avanço do capitalismo na agricultura, as transformações impulsionadas por este avanço e a recriação do campesinato, contribuíram para a melhor compreensão de como os camponeses ou agricultores familiares podem se organizar para o enfrentamento do avanço do capitalismo no campo evitando sua expropriação ou exclusão.

REFERÊNCIAS

CHAYANOV, A. V. **Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas**. In: SILVA, J. G.; STOLCKE, V. (org.) A questão agrária. São Paulo: brasiliense, 1981, p.185.

ENGELS, F. **O problema camponês na França e na Alemanha**. In: SILVA, J.G.; STOLCKE, V. (org.) A questão agrária. São Paulo: brasiliense, 1981.

FERREIRA, Ana Paula de Medeiros; MESQUITA, Helena Angélica de. **O Sentido do Desenvolvimento da Agricultura sob o Capitalismo: paradigmas em debate** – Ed. Revista Pegada – vol. 10 n.1 15 Junho/2009.

KAUTSKY, **A Questão Agrária**. Nova cultural, 1986.

MAZOYER, M. e ROUDART, L. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crisecontemporânea**. Lisboa: Ed. Histórias e Monografias, 1998.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária**. 1 ed. São Paulo, FFLCH, 2007.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. São Paulo: Editora Unicamp, 1996.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. São Paulo: Zahar, 1981.